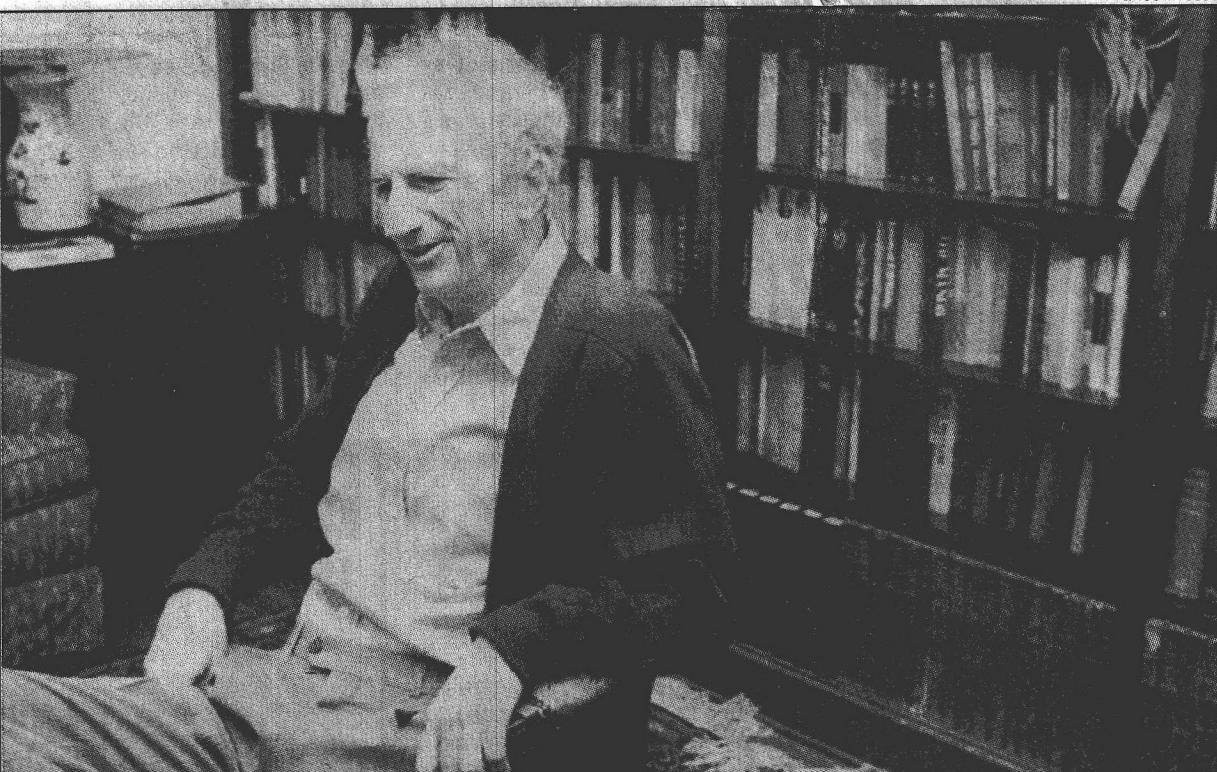


# Nobel alerta para importância do capital humano

Gary Becker participou em Porto Alegre do 7º Fórum da Liberdade sobre o tema Educação em Crise

AYRTON CENTENO

PORTO ALEGRE — Pesquisador das influências da economia sobre o comportamento social, o norte-americano Gary Becker, 63 anos, Prêmio Nobel de Economia de 1992, que veio ao Brasil para participar, como conferencista, do 7º Fórum da Liberdade, afirma que o capital humano — significando cultura, educação, treinamento, saúde e tudo que afeta a capacidade e a produtividade das pessoas — está sendo menosprezado por muitos governos, notadamente do Terceiro Mundo, e empresários. Para Becker, este é um erro que acabará custando muito caro. "No mundo moderno, não se atinge a prosperidade sem investimento em capital humano", afirmou. Atento às transformações na sociedade, afirma que a família mudou mais nos últimos 30 anos do que nos 300 anteriores. Menciona a queda da natalidade mesmo em lugares como



France Presse

Economista Gary Becker: 'O Brasil não prestou atenção suficiente na educação de 1/4 de sua população'

a América do Sul; a grande presença da mulher casada no mercado de trabalho; a maior igualdade eco-

nômica entre os sexos. Becker também tem opiniões polêmicas quanto ao uso e ao tráfico de drogas. Para

ele, a repressão falhou como saída para o problema e a solução que recomenda é a descriminação da maconha e da cocaína e, depois, dependendo do sucesso da experiência, de outras drogas, como o crack. O 7º Fórum da Liberdade, promovido pelo Instituto de Estudos Empresariais de Porto Alegre, que este ano abordou o tema Educação em Crise, foi realizado ontem Porto Alegre. A seguir, algumas idéias de Becker:

Estado — O sr. recomenda investimento em capital humano, mas países como o Brasil tem 32 milhões de miseráveis. Que esperança se pode ter neste caso?

Gary Becker — Não sou um expert em Brasil, mas acho que o país não prestou atenção suficiente na educação e treinamento de 1/4 da sua população. Isso foi um grande engano.

Estado — Até hoje os governos gastaram fortunas combatendo o tráfico de drogas sem nenhum resultado convincente. Seu colega, o economista Milton Friedman, defende a descriminação das drogas. Qual sua opinião?

Becker — Escrevi vários artigos favoráveis a pelo menos se experimentar a legalização das drogas. Precisamente porque os Estados Unidos e muitos outros países não resol-

veram o problema com o sistema atual. Há muito crime ligado ao tráfico e a Aids está vinculada ao uso de seringas e agulhas contaminadas. Temos que reconhecer que o atual sistema falhou.

Estado — Todas as drogas seriam descriminaçalizadas?

Becker — Inicialmente a maconha e, possivelmente, a cocaína seriam liberadas. Depois, dependendo de como tudo funcionasse, seria a vez do crack e da heroína.

Estado — Mas há uma grande oposição a este tipo de proposta...

Becker — Atualmente os opositores são um grande grupo que mistura conservadores, igrejas e pessoas de esquerda.

Estado — Cada vez mais, livros e filmes produzidos no Estados Unidos revelam um medo dos japoneses. O sr. compartilha desse receio?

Becker — Nem um pouco. Houve exagero quanto aos problemas causados aos Estados Unidos pelo Japão. Eles tiveram sucesso no mercado mundial, mas não foram a fonte dos problemas norte-americanos. Nossa indústria pode competir em muitos produtos, em outros o Japão será mais eficiente. A histeria antijaponesa hoje é prejudicial a nós.

Estado — O sr. defende o ponto de vista de que o Estado grande demais alimenta a corrupção...

Becker — Acontece que se o Estado é demasiado grande, criam-se mais situações para que pessoas recebam propinas.

Controla muitos produtos, subsídios, regulamentações que podem afetar lucros de empresas ou grupos. Isto é a razão pela qual automaticamente surge a corrupção.

**A HISTERIA  
ANTIJAPONESA  
É PREJUDICIAL  
A NÓS**

Estado — Que países do Terceiro Mundo o impressionam mais, quanto à valorização do capital humano?

Becker — Taiwan e Coréia do Sul; os níveis de educação, treinamento e saúde do cidadão médio são bons.

Estado — Qual sua sugestão para um país como o Brasil, onde há milhares de meninos de rua?

Becker — Não sei muito sobre as crianças abandonadas no Brasil. Mas posso dizer que talvez o Estado poderia incentivar sua adoção. Sempre é melhor que sejam criadas por uma família do que em um orfanato do Estado.